

176

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30 DE ABRIL DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

CAPITULO III

EGYPTO ANTIGO

(*Continuação*)



civilisação mais antiga de que a historia possui os monumentos é indubitavelmente a que tem por centro o Egypto; ella serve como termo de orientação chronologica para as mais remotas nacionalidades do oriente e foi, ao mesmo tempo, um foco de actividade e de estímulo d'onde irradiou o progresso humano" (1). Estas palavras de Theophilo Braga são hoje de uma verdade corriqueira, vulgarissima, mas nem por isso devem ser olvidadas, maximé por quem escreve um livro de historia.

Devera ser o Egypto, a primeira nação regularmente constituida que nos havia de fornecer os mais antigos lineamentos de uma organização juridica em seus diversos ramos desde o direito publico e o civil até a processualistica, desde o direito em conceito até o direito em acção. Não é, porem, facil tarefa, dar aos fragmentos dos hieroglyphos e ás descripções emeutarias, nem sempre irreprehensivelmente exactas, de Herodoto e Diodoro Siculo o emmolduramento

(1) Theophilo Braga—Historia Universal. Lisboa—1878—Parte primeira, pag. 67.

de uma doutrina ou as articulações de um corpo de leis. Reviver a vida grandiosa de um povo que ainda hoje nos enche de assombro e pasmo só com os escombros, com os restos esquecidos das construções que sua industria e sua arte cavaram no seio arenoso do solo ou insculpiram no flanco durissimo dos serros ganitosos, é empresa capitosa pelos encantos que revestem o pó das grandezas veneradas. Mas ao penetrarmos na crypta desse templo, invade-nos um receio amargurante. Saberemos ouvir, no silencio dessas cousas mortas, o palpitar dos corações que bateram por essa patria? Saberemos ler os pensamentos que agitaram os homens cujas pegadas ali ficaram decalcadas no adyto das piramides ou na vaza lodosa do Nilo?

Si, porém, a bôa intenção e o amor da verdade forem sufficientes para me garantir um bom exito nesta empresa de anaplastia juridica estou certo de que estas paginas condensarão, em synthese rapida, o que poudé constituir a vida juridica dos Egypcios. E isso dá-me coragem, porque a sympathia que todos nós experimentamos por estas antigas e nobres firmas da consciencia juridica humana, é estímulo bastante poderoso para que os sacrificios, em demanda do verdadeiro, se afigurem leves e apraziveis exercicios mentaes.

E' hoje um facto adquerido para a sciencia que vieram d'Asia os primeiros colonisadores do Egypto. Champollion Jeune, Lenormant e Maspero deixaram evidenciado este ponto de archeologia ethnogenica. A esta primeira emigração se foram aggregando outras e muitas que vinham pedir, ao valle ubertoso do Nilo, uma patria rica de promessas e que recalcam para o interior as tribus negras, talvez autochtones, que se espreguiçavam pelas margens febriculosas dos pantanos do Delta, onde o lotus desatava ao sol a bella flor sanguinea e o vento do deserto ciciava tristonho nas folhas asperas da canna e do papyrus.

Seria arrojo injustificavel ir eu agora indagar á que raças pertenciam esses diversos grupos de invasores do solo norte-africano. Deixarei aos egyptologos essas questões insolueis, em que a erudição se estafa sem proveito real, e não entresacharei, neste capitulo, theorias que, por sua insubsistencia, augmentaram as difficuldades do assumpto, sem trazer-lhe esclarecimentos.

A vida historica desta grande e poderosa nação, que escreveu as primeiras paginas da civilisação humana, começa no momento em que Mena (*Menes*), destruindo a supremacia theocratica, inaugura uma era nova, era de conquistas e de alargamentos do territorio, mas

principalmente de concentração do poder militar. Entretanto, o rei Thenita, que subiu ao throno pelo anno 5004, antes de Christo, é o representante de uma civilisação elaborada desde milhares de annos nesse mesmo solo onde se haviam de erguer os magestosos monumentos de seus successores. E' mister procurar os vestigios desse periodo obscuro, em que se originaram quasi todas as instituições juridico-sociaes que os historiadores admiram na civilisação egypcia. E nem seria possivel que esse mysterioso paiz de Misraim, contrariando o principio da evolução, galgasse de um salto, sem transição, sem antecedentes, uma elevação cultural como essa que ostentou no periodo pharahonico.

Desse longinquo inicio não restam documentos que nos guiem de um modo seguro, mas, auxiliados pelas escavações dos geologos e dos egyptologos, podemos affirmar que o solo do paiz de Kem era recortado pelo Nilo em diversas secções, que foram centros de populações ou tribus independentes, cujos vestigios a historia encontra na divisão administrativa dos *nomos*. Cada aggremação dessas tinha um fetichismo local caracteristico. Uma adorava o crocodilo, outra o hypopótamo, o gato, o ibis, o ichneumon. A espontaneidade e a longa duração desse fetichismo primitivo fizeram-no afundar raizes no espirito do povo, de modo que as revoluções religiosas e politicas sobrevindas jamais conseguiram dissolver-lhe completamente os sedimentos.

A classe sacerdotal, elevando-se a uma concepção mais clara das relações do homem com os seres superiores, reduziu esses disparatados cultos fetichistas á um corpo de doutrina regular dando-lhes a forma de *mythos polytheistas*. E' o que diz Ampère, tentando explicar a religião egypcia. "Um corpo de sacerdotes, escreve elle, achando, em cada canto do Egypto, um fetichismo local estabelecido, acceitaria esse fetichismo, subordinando-o ás suas proprias idéas sobre a vida e a morte, teria mantido esses typos tomados da natureza animal, e que a superstição popular conservará, o carneiro, o chacal, o milhafre, o crocodilo etc., e teria feito delles os deuses de seu pantheon." Esta explicação, que foi acceita por Th. Braga, é plenamente justificada pelos principios vigentes da philosophia moderna.

O polytheismo não desalojou de seus altares os fetiches, mas fez destacarem-se do fundo commum alguns seres deificados que superordenou á massa incongrua das superstições vulgares e deu-lhes uma forma incontestavelmente mais nobre. Esses deuses supe-

riores concentravam as adorações de muitas tribus ou de muitos pequenos estados, que reunidos pela fé religiosa, tenderam a se confederar e a se fundir em aggremações mais vastas. Assim se constituíram os dois principados do Baixo Egypto (*To-mera*) e do Alto-Egypto (*To-res*), que, posteriormente, ora si jungiram sob a mesma administração central ora se desprendiam pela acção dos interesses dynasticos ou dos elementos ethnicos.

Operada a fusão dos pequenos estados pela acção do sentimento religioso, veio o militarismo trazer novos elos para consolidar a unificação. Mena é o chefe dessa revolução que tentou substituir a supremacia da classe sacerdotal pela dos guerreiros, e si no primeiro momento não foi compléta a victoria, é certo que desde logo os dois grupos, que se disputavam a direcção do Estado, se collocaram em pé de igualdade e não tardou que os militares tornassem adianteira assimilando a casta prepotente dos padres.

Mena collocando-se em sua nova capital, deu-lhe o nome de *Manower* (Memphis), que significa — a boa fortaleza. Nesse reducto estava a salvo das investidas sacerdotaes e podia, mais a vontade, effectuar sua grande empresa de unificação do imperio. Estabeleceu, desde logo, o culto official para todo o paiz do deus Phtah, e consolidou o poder militar, levando o exercito á expedições pela fronteira, iniciou as grandes construcções, mandando abrir o canal de Koscheuch, para regular os extravasamentos do Nilo, e é tradição que reduziu á lei escripta, os costumes juridicos que vigoravam por esse tempo. Desde então a soberania dos principes foi designada pelo nome de *pir-aa* (*pharahó*), a grande casa, como ainda hoje se diz — *a casa reinante*. E' observação que não escapou a um illustre egyptologo.

A primeira e a segunda dynastias são thenitas, prendendo-se a Mena, uma directamente e outra por um ramo collateral. E' na segunda dynastia, sob o reinado de Bainuteru (*Binottris*) que as mulheres são admittidas a successão do throno. Este facto foi de grande alcance, não tanto porque no Egypto appareceram mulheres superiores como Nitakrit, Hatasu, Seveknowre e Taia, como porque ellas tornaram possivel a criação de novas dynastias com o esgotamento das familias solares e legitimaram as usurpações dos mais competentes.

Com a terceira dynastia, empolga o sceptro uma familia memphita que o conserva por longos annos. Começa, então um dos periodos de maior esplendor industrial e artistico. Elevam-se as gran-

des pyramides de Giseh, organisam-se bibliothecas, a lingua simplifica-se como phonetismo, as sciencias desenvolvem-se e as estu-
pendas construcções começam a erigir o valle do Nilo. Relativa-
mente ao assumpto deste livro, ha para notar, nesta epocha, a appli-
cação dos criminosos ao trabalho do fausto publico ou, melhor, da
dissipação e loucura dos pharahós, a consolidação do poder militar
que se desprende completamente da tutela sacerdotal e os tractados
de moral de Kaquimna e Phtah-Hotep cujos fragmentos foram en-
contrados no papyrus de M. Prisse.

As *Instrucções* de Phtah-Hotep são anteriores á quinta dynas-
tia. “A Biblia é recentissima ao lado de um tal livro, diz Lenor-
mant. E’ uma especie de codigo de civilidade pueril e honesta,
continua o escriptor francez, um tractado de moral inteiramente
positiva e pratica, ensinando aos homens a maneira de se conduzi-
rem no mundo e que se eleva a uma esphera mais alta do que os
livros de Confucio.” “A base principal da moral e da bôa ordem,
para o principe Phtah-Hotep, é a obediencia filial estendida ás rela-
ções com o governo que elle considera como investido de uma ver-
dadeira auctoridade paternal.” (2) E’ a moral da utilidade cuja ga-
rantia está por um lado “no favor do principe” e por outro na aucto-
ridade do costume, pois que o moralista repete “as palavras d’aquel-
les que ouviram a historia dos tempos anteriores.”

Chegamos assim a uma epocha em que o Egypto, a casa do deus
Phtat, attingiu ao ponto culminantemente de sua vitalidade na or-
ganisação interna, nas especulações doutrinarias e nas artes. Agora,
para completar o cyclo de sua expansão vital, só lhe falta a prepon-
derancia politica conquistada pelas armas de Papi, Thotmes Psame-
tik e outras pharahós de grande talento militar. Não é que as artes
e a engenharia não tenham ainda de realizar prodigios. Entre as
collossaes construcções, basta citar a excavação do lago Mœris, im-
menso reservatorio das aguas que transbordavam do Nilo, para se
reconhecer que a engenharia tinha ainda diante de si um enorme
progresso á realizar. E entre as producções de bellas artes não é
preciso lembrar mais do que as esplendentes joias do tumulo da
rainha Aah-Hotep, seu punhal maravilhosamente talhado, seu espe-
lho, sua gondola de ouro massivo, seu escaravelho com patas de vidro
azul e elytros de ouro. Lenormant assevera que nem a Grecia nem
a Etruria offereceram cousa alguma de superior a estes artefactos,

(2) François Lenormant— *Les Premières Civilisations*, Paris-1874-pag. 193

pela grandeza do estylo, pela elegancia e pureza das formas, pela perfeição do trabalho" (3). São estas maravilhas, porém, fructos que não desmaiam a arte das primeiras dynastias.

Mas neste imperio de civilisação tam elevada, qual era a força e a modalidade da acção administrativa e governamental? Quaes as suas leis civis e criminaes? Qual a condição do povo?

Ja algumas palavras foram dictas nesse intuito, mas é tempo de systematisar esta exposição concentrando-a, quanto possivel, ao cerne do assumpto principal.

O territorio do imperio era dividido em *nomos*, subdivididos, segundo Strabão, em *toparchias*. O nomo podia conter muitas cidades. Em uma dellas estava a sede da administração civil e militar. Essa era a capital (*nut*). Ahi residia o governador hereditario (*hik*) ou, na falta, um monarcha (*mer-nut-tsat-to*) nomeado pelo rei.

O numero destes cantões não foi sempre o mesmo. No tempo de Sesostris ou Ramsés II, contavam-se trinta e seis, mas, em alguns documentos egypcios, esse numero eleva-se a quarenta e quatro. (4)

Sendo os governadores dos nomos, em sua maioria, principes que transmittiam á seus descendentes o direito de administrar, comprehende-se que houve, nessa remotissima era, um esboço do regimen feudal, regimen que se manteve tanto sob o governo dos reis indigenas quanto sob o dos hiksos (*Hik-Shus* — rei ou chefe dos salteadores). Estes principes reconheciam a suzerania do pharahó, mas, uma vez por outra, insurgiam-se, jogavam com os descontentamentos creados pelo governo e fugiam temporariamente á acção do centro ou se apoderavam do throno mal seguro nas mãos de algum monarcha poltrão.

E' certo que essas insubordinações que abalavam a sociedade egypcia não desprestigiavam a auctoridade real. O pharahó era o successor das divindades que haviam, segundo narravam as tradições mysticas, reinado no valle do Nilo. Por pertencerem á familia dos deuses governavam discrecionariamente, por si ou por intermedio de ministros, e tomavam titulos faustosos. Amenhotep adopta o titulo de — esplendor do disco solar (*Kuanaten*)—; Ramsés I é o *rei dos reis, o senhor dos senhores*; Usortesen *alegra o paiz mais que um deus*; um outro é o *senhor soberano do mundo, o filho do sol e o amigo dos deuses cuja immortalidade partilha*. E assim todos.

(3) Lenormant, *op. cit.* p. 248.

(4) Consulte-se a *Historia Universal* de Cesar Cantu reformada por Antonio Ennes, pag. 265 e seg., onde se encontra uma boa exposição do assumpto.

Admira que Bossuet e Montesquieu hajam acreditado que o governo do Egypto não fosse despótico. Sem duvida houve monarchas que procuravam conquistar a sympathia publica, esforçando-se por felicitar o povo cuja direcção a sorte lhe facultára. Amenemhat I poudo gloriar-se de "ter cultivado a terra de Abu, de ter espalhado alegria até Adh'a (Delta)". Foi elle tambem o primeiro que, nas *Instrucções* a seu filho, ensaiou compendiar os principios da arte de governar, da politica empirica. Nessas *Instrucções* aconselhava o sabio monarcha: "Mantem a bôa harmonia entre teus subditos e ti. Não esteja, isolado no meio delles ; não dê amizade e fraternidade somente ao rico e ao nobre, nem dê entrada ao primeiro que vier cuja amizade não é provada" (5). Mas este rei pertence a uma familia que, como a dos Antoninos em Roma, contou em seu seio bom numero de homens tam celebres pelo vigor de seus talentos quanto pela magnanimidade de seus corações. Não podem, emtanto, exemplos desta ordem auctorisar uma crença que tem, contra si, o protesto vehemente de muitos documentos e de muitas razões meramente especulativas.

Sei que os dois auctores citados fundam sua opinião nas narrativas de Diodoro da Sicilia. O historiador grego affirma que os reis estavam adstrictos a um regimen tam rigoroso, que se pode dizer que seus actos eram fatalisados pelas disposições legaes. A se lhe dar credito, as horas do soberano eram assim distribuidas : Pela manhã, antes de qualquer outra cousa, passava pelos olhos as missivas que seus subditos e empregados se haviam lembrado de dirigir-lhe. Depois dessa operação fastidiosa, e talvez para desentorpecer o espirito ao mesmo tempo que para mundificar o corpo, entregava-se ao prazer de um banho em agua limpida e fresca. Sabe-se que ao hygienico regimen das abluções frequentes deveram os egypcios uma sanidade muito superior á que se devera esperar em um paiz abeberado de pantanos. Os reis não queriam ficar a quem do povo. Emergindo do banho, revestia-se das insignias pharahonicas (6) para offerecer aos deuses uma prece e um sacrificio e para ouvir as piedosas homilias do pontifice que tinha o cuidado de lembrar-lhe os

(5) *Papyrus de Sallieur* apud Maspero — Hist. Ancienne des peuples de l'Orient.

(6) Segundo o mesmo Diodoro, estas insignias, ou signaes exteriores da auctoridade real, eram o capacete marcial, a corôa, o sceptro em forma de charrúa, os despojos de um leão, de um dragão e de um touro.

grandes feitos de seus maiores, lendo-lhe algumas paginas dos livros sanctos e auspiciando-lhe um reinado de venturas.

As refeições tinham horas fixas e não podia o estomago real ingerir outra carne que não fosse as de vitello e dos palmipedes. E, para que a intelligencia luminifera do real descendente das dynastias solares não se empannasse, todos os vinhos e licores alcoolicos eram banidos de sua mesa de monarcha abstemio.

(Continua)

CLOVIS BEVILAQUA.

LUIZ MURAT

POR

SYLVIO ROMERO

ESTUDO

(Continuação do n. 3)



levação de vistas, delicadeza de sentimentos, e tudo que dá a verdadeira comprehensão da critica faz com que Sylvio Romero não discuta theorias nem architecte systemas.

“As escolas, diz Albalot, são como os rios, que em seu tresbordo parecem rolar misturadamente areias e plantas; quando a agua se retira percebe-se que a inundação nada levou e que, pelo contrario, fecundou o que queria destruir.”

Convencido de que não merecem attenção seria as formulas litterarias, pois que se as escolas desaparecem os mestres ficam, o nosso brilhante critico, ao mesmo tempo um lucido e um revolucionario, um observador e precursor, concentra as suas vistas sobre a evolução da poezia, apanha-a em sua direcção para o futuro, e conclue, contra a opinião de Scherer, que “*o poeta não é um resto da humanidade primitiva*”, que a poezia não definha a proporção que a sciencia floresce.

Até hoje se tem confundido á poezia com a imaginação, e assim pensa o auctor de *L'avenir de la poezie* quando diz :

“ Nós temos duas grandes faculdades — a *imaginação e a reflexão* : uma dirige-se ao que é individual e a outra ao que é geral; a primeira considera os objectos como elles são, a segunda tira d'elles as ideias ; uma vive no concreto, a outra no abstracto. *Esta dá a sciencia aquella produz a poezia.... Tal é a sciencia da poezia, a imaginação*, que se praz na belleza sensivel e pittoresca dos objectos e que a communica por palavras que produzem imagens por sua vez.”

E' uma inexactidão contra a qual convem insistir : pela imaginação o poeta não faz senão augmentar o seu poder de representação, tornar mais nitido e acentuado o que de mais vago e indeciso existe no intimo do nosso ser, isto é, no sentimento.

O que constitue a essencia da poezia são esses impulsos, esses movimentos internos, intimos, profundos, que não se projectam no mundo exterior senão em series de imagens e em ondas de harmonia.

Se não se pode desejar, aspirar o que vai alem da imaginação, isto não quer dizer que fazer poezia seja o mesmo que imaginar chimeras.

Não é raro encontrar-se uma grande imaginação sem nenhum talento poetico : sirvam de exemplo os visionarios, e esses phantastas infelizes tanto mais insipidos quanto mais affastados da vida real, e em cujos ouvidos se deveria gritar, como aconselha Schopenhauer :

..... Mediocribus esse poetis
Non homines non Di, non concessere columnæ.

A imaginação é um poderoso auxiliar da poezia, mas ella por si só não constitue toda a poezia.

E' um importante meio de expressão, como o são a rima e o rythmo, a respeito dos quaes diz o citado escriptor allemão :

“ De seu maravilhoso poder não sei dar outra explicação senão que nossa faculdade de representação, essencialmente subordinada ao tempo, adquire d'este modo uma força particular, que nos faz seguir interiormente todo som que se repete por intervallos regulares e nos faz resoar com elle. D'este modo, a principio, o rythmo e a rima são um meio de prender nossa attenção porque seguimos assim a narração com mais prazer; alem d'isso estabelecem em nós uma disposição cega anterior a todo juizo e que nos leva a acquiescer com a cousa, que se conta. A narração ganha um certo poder emphatico e persuasivo, independente dos principios de toda razão.”

Tambem não se póde affirmar que “o espirito de investigação, de analyse, de critica não pode crescer sem diminuir de outro tanto a inspiração.”

Inspiração e razão não se oppõem de maneira a estabelecer-se antagonismo entre ellas.

Alem de que as sciencias tambem possuem o seu lado poetico, que tem servido de alimento a concepções artisticas, que passam em sublimidade a todas as creações de pura phantasia, accresce que o que constitue o poeta é essa disposição de espirito que não se satisfaz com o presente, que vai alem da experiencia actual; do seio da realidade das cousas surge na alma dos verdadeiros poetas um ideal, que é como um mundo mais perfeito e acabado do que aquelle que é visivel pela multidão, uma especie de floração, de imagem antecipada da maravilhosa metamorphose da natureza.

N'estas condições comprehende-se Platão ao lado de Aristoteles, um revestindo com todas as cores de sua alma, com todos os arabescos de sua imaginação, com todas as vibrações de sua sensibilidade esta vida tão immensa, tão mysteriosa, tão ondeante, que o outro procura interrogar, aprofundar para determinar no vago os traços de affinidade e universalidade.

Symbolisar nossos estados de alma, *modelar nosso universo interior*, tal é o fim da arte, e especialmente da poezia, na qual o ideal é tanto mais elevado quanto menos o poeta vive em si mesmo e pode repetir com Byron :

Are not the mountains, waves and skies, a part.
Of me and of my soul, as I of them.

ARTHUR ORLANDO.

O MONOLOGO DE SYLVIA

(FRANÇOIS COPPÉE.—*Le Passant*)



Seja maldito o amor ! Já não sei mais chorar !

Gastei a mocidade em fazer-me adorar.

Sou a má, sou a fria e rispida Senhora.

Minha implacavel mão, régia, dominadora,

da familia pernambucana para fora da patria invadida ou essa hegryra desesperada dos negros concentrados em quilombos na serra da Barriga.

Isso mesmo que nós por ahi chamâmos *opinião abolicionista*, e que não foi phenomeno novo porque tambem moveu-se em 1849 e 1871 em favor dos cruzadores inglezes e da emancipação do ventre, não só nem contou com a propria classe interessada dos escravos, nem cavou fundo a alma nacional para interessal-a a favor do maior acto da historia brasileira. O facto é este.

Nós só poderemos dispôr de *opinião*, base de todas commu-nhões livres, d'onde todos os governos se originam e onde todos se vão inspirar, no dia em que a natureza pela lei da selecção houver solvido o grande problema da homogeneidade da raça brasileira.

Só nesse dia longinquo nós poderemos perceber o rebentamento do civismo e do espirito publico, indispensaveis a governados e a governantes para a edificação da paz e da grandeza, da independencia economica e da liberdade.

Este dia virá? E' o que resta saber. E, tendo forçozamente de vir, porque não veio já, no periodo de quatro seculos que já passaram sobre o solo americano? Responderei simultaneamente.

A homogeneidade da raça brasileira é um phenomeno scientifico com raizes na historia. Nós podemos contar com ella dentro de 2 a 4 gerações. E' regra sociologica que toda vez que á uma raça mais forte se junta outra mais fraca esta desaparece especialmente pelo crusamento.

Desapparecida a raça negra a homogeneidade começa.

E foi a escravidão quem atrazou e impediu o desapparecimento total da raça negra no Brazil, pela mesma razão porque foi a emancipação da indigena pelo celebre Alvará do Marquez de Pombal em de de 1758 quem mais francas abriu as portas ao desapparecimento dos Indios.

Outro oppoente á lei de selecção natural é o *odio de raça*, como a nostalgia e a guerra lhe foram auxiliar, um natural outro artificial, relativamente aos aborigenes.

Eu argumentarei brevemente no sentido de fazer a demonstração destes assertos.

Em primeiro lugar para provar com robustez a fatalidade do desapparecimento da raça negra no Brazil, sem auxilio da estatistica, basta dizer que ella é considerada ainda mais fraca do que a dos Indios; entretanto esta que presume-se ter vivido no Brazil em nu-

mero de 100 milhões está totalmente desaparecida de entre nós como de toda a America, (onde se contava 300 milhões) restando quando muito os 600 mil dos nossos infieis recenseamentos.

E, de outro ponto de vista, si não estivesse encravado na lei do seu destino o seu desaparecimento, nada impedia que em concorrência com a branca no percurso de 4 seculos a sua prolificidade notavel houvesse esmagado aquella aos milhares e aos milhões e as dezenas de milhões, no computo final da população. Sim Nós temos visto o concurso material que á estatística da população dos Estados Unidos tem fornecido a immigração das raças brancas no decurso de um seculo somente. Porque razão, é de perguntar-se, a immigração dos negros africanos no Brazil durante 4 longos seculos, á razão media de 40,000 por anno, ao envez de fazer crescer a raça muito alem dos 16 milhões da somma total, como cresceria na Africa ou n'uma ilha equatorial isolada, fel-a ao contrario baixar a menos talvez da quarta parte deste algarismo? A natureza tem a razão deste mysterio que a sciencia transformou em lei. O desaparecimento da raça dentro de 2 a 4 gerações é tão fatal como foi o da raça indigena de 1758 para cá.

Em segundo lugar, para provar que este desaparecimento foi atrasado e quasi impedido pela instituição anti natural da escravidão, basta assentir que assim como a união *livre* de raças fracas á forte faz esta sobreviver as outras embora modificando-se physico-psychicamente e desaparecerem totalmente aquellas principalmente em seus vestigios morphicos, assim tambem o isolamento da fraca no meio das fortes fal-a permanecer viva e crescente, produzindo sempre e similarmemente até o dia em que deixa de isolar-se para metter-se na communhão geral. E a escravidão é tão grande isolador como esse preconceito do *odio de raça* que fal-a perdurar nos Estados Unidos, parecendo um enigma sociologico diante do seu desaparecimento geral e immediato na Europa e em todo o resto da America latina.

A escravidão crêa muralhas contra a Natureza, maiores do que as que crêa contra a inventiva social e politica.

Para exprimir tal pensamento eu não duvido imaginar esta hypothese: si a Natureza já houvesse marcado a hora do desaparecimento total da raça negra em todo o mundo, mesmo na Africa, — e a Lei social continuasse a permittir a existencia da instituição da escravidão no Brazil por mais 10 seculos; — 10 seculos depois d'aquella hora marcada pela Natureza haveria Negros sobre o Planeta que habitamos e que ella rege inerravelmente. — FERNANDO DE CASTRO.